

## CORREIO POLÍTICO

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Ninguém mordeu a isca da vice: Alckmin fica

## Polarização limita alianças de Lula e de Flávio

Ao anunciar na segunda-feira (31) que Geraldo Alckmin (PSB) continuará sendo seu companheiro de chapa nas eleições deste ano, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva encerrou uma novela que vinha desde o início do ano. Mas não que Lula não tenha de fato tentado trocar seu vice. Ele tentou, e muito. Disse que seu desejo era que Alckmin disputasse o Senado por São Paulo, mas que respeitaria qualquer decisão do seu vice. De fato, respeitou e respeita – de adversários no passado, Lula e Alckmin se tornaram amigos. Mas Alckmin faria o que Lula pedisse a ele. A razão principal da manutenção da chapa é outra: Lula não conseguiu usar a isca da vice para atrair novos apoios.

## Nem MDB nem PSD se interessaram

Desde o início do ano especialmente, Lula intensificou conversas tentando atrair para a sua chapa o MDB e o PSD. No MDB, tinha o apoio da ala mais aliada, como os senadores Renan Calheiros (AL) e Jader Barbalho (PA). Mas não conseguiu demover a resistência do presidente do partido, deputado Baleia Rossi (SP). No PSD, Lula teve diversas conversas com Gilberto Kassab. Chegou a cogitar a vice para ele ou para o senador Rodrigo Pacheco.

Ricardo Stuckert/PR



Raquel chegou a pular carnaval com Lula e Janja

## Centro quer ficar livre para os arranjos

Nada deu certo por uma razão: a polarização da disputa entre Lula e o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) vem limitando para ambos a possibilidade de ampliação de alianças com o centro. A nenhum desses partidos parece no momento interessar uma vinculação direta às candidaturas presidenciais para que mais facilmente possam oscilar nos arranjos estaduais. Isso é claro para o MDB, mas acontece no próprio PSD, embora o partido vá ter seu próprio nome nas eleições presidenciais, o ex-governador de Goiás Ronaldo Caiado.

## Flávio tem mesma dificuldade

A dificuldade não é somente de Lula. Flávio Bolsonaro tem problemas parecidos. Sua intenção era tentar ampliar sua aliança com a federação União Progressista. O nome preferido do presidente do PL, Valdemar Costa Neto, para vice de Flávio é a senadora Teresa Cristina (PP-MS). Mas isso esbarra também nos cálculos regionais da federação.

POR RUDOLFO LAGO

## Convite

Registre-se que a senadora mesmo repete que até agora não houve qualquer convite a ela, sequer teria havido sondagem. Mas o fato é que a federação não quer ficar presa, até porque o PL mesmo não assumiu alguns compromissos que havia. O caso mais notório é Esperidião Amin (PP) em Santa Catarina.

## Vice

Assim, enquanto Lula vai ficando com Alckmin, o mesmo companheiro de chapa, no caso de Flávio ainda não há qualquer indicação de quem será seu vice. Há mesmo uma tendência de que, como vem acontecendo nas escolhas para o Senado, a chapa de Flávio acabe também sendo puro-sangue.

## Cidadania

Na briga interna, o Cidadania chegou mesmo a ensaiar uma aproximação com Lula. Mas o grupo que defendia isso acabou derrotado na Justiça pelo de Roberto Freire. O Cidadania fecha federação com o PSDB, faz oposição a Lula. Tenta, inclusive, convencer Eduardo Leite a ser seu candidato.

## Palanques

Assim, tudo caminha para que eventuais apoios ao centro se deem somente nos palanques estaduais. Nesse sentido, no momento, Lula parece estar tendo mais sucesso. Fecha com o MDB e o PSD apoios em alguns estados importantes. E fortalece o PSB como seu aliado principal, com chances de eleger governadores.

## Pernambuco

O palanque duplo em Pernambuco vale atenção. Oficialmente, o palanque de Lula será o do prefeito do Recife, João Campos. Mas a governadora Raquel Lyra (PSD) filia o deputado Túlio Gadelha para ser candidato a senador e apoiar também Lula. No carnaval, Raquel chegou a receber Lula e Janja.

## Minas

Como Lula não comoveu o comandante do PSD, mixou a ideia de ter Kassab ou Rodrigo Pacheco como vice. Pacheco, então, migrou do PSD para o PSB e disputará pelo novo partido o governo de Minas. O que também pode desanuviar outra novela: a do advogado-geral da União, Jorge Messias, no Supremo.



Ritmo sobre Messias só depende de Alcolumbre

## Indicação de Messias esbarra em Alcolumbre

## Envio ao Senado é formalizado pela Casa Civil

Por Beatriz Matos

Um dia depois de sinalizar que destravaria a indicação de Jorge Messias ao Supremo Tribunal Federal (STF), o Palácio do Planalto formalizou o envio do nome ao Senado, mas o movimento, que parecia consolidar o avanço, acabou abrindo uma nova frente de tensão política.

A documentação foi entregue pela Casa Civil. Em nota, a Secretaria Especial de Assuntos Jurídicos confirmou o encaminhamento do material com os dados do advogado-geral da União (AGU) para ocupar a vaga no STF. A mensagem presidencial, enviada com base nos dispositivos constitucionais que regem a escolha de ministros da Corte, oficializa a indicação para a vaga aberta com a aposentadoria de Luís Roberto Barroso.

A etapa marca o início formal da tramitação, mas, nos bastidores, o clima está longe de pacificado. E, até mesmo horas depois do anúncio, o documento ainda não havia subido no sistema do Senado Federal.

O que parecia um processo encaminhado passou a gerar ruídos dentro da Casa Alta. O principal foco de desconforto está na relação com o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), que se irritou com a forma como o anúncio foi feito. Interlocutores relatam que o senador esperava ser comunicado

previamente sobre o envio da indicação, o que não teria ocorrido.

A diferença entre saber quem seria o indicado e ser avisado sobre o momento exato do envio acabou virando o centro do impasse. Nos corredores, o gesto foi interpretado como uma quebra de protocolo político e institucional, algo que neste momento pesa no andamento do processo.

Na prática, a insatisfação tem impacto direto. Cabe ao presidente do Senado definir quando a mensagem será encaminhada à Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), etapa que antecede a sabatina. É nesse ponto que aliados avaliam que o processo pode sofrer desaceleração.

Mesmo assim, há sinais de apoio. Senadores do Centrão têm avaliado, reservadamente, que o nome de Messias é bem recebido e não enfrenta rejeição consolidada. Na CCJ, Messias precisa de ao menos 14 votos entre os 27 senadores. Depois, encara a votação em plenário, onde são necessários 41 votos para a confirmação. O desafio, segundo parlamentares, está menos no mérito e mais na condução política da indicação.

No documento enviado ao Senado, Messias também apresenta sua trajetória e tenta reforçar credenciais para o cargo. Ao se dirigir aos senadores, afirma ter construído a carreira com base no serviço público e destaca a defesa do diálogo entre os poderes como eixo da sua atuação.